



## CURRÍCULO EM PSICOLOGIA DE TIA CIATA A ANGELA DAVIS E CARLA AKOTIRENE: CILADAS DA BRANQUITUDE ACADÊMICA

*Regina Suama Ngola Marques<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil.*

**Resumo:** Os avanços no campo psicológico nas relações étnico raciais são trazidos a partir do feminismo negro de pensadoras como Ângela Davis e Carla Akotirene. Perpassa reflexões sobre currículo e formação do psicólogo nas universidades brasileiras. Nesta imbricação, questiona-se: Quais as intenções da branquitude acadêmica quando refere superficialmente conceitos de pensadoras negras? Os resultados convergem para a reprodução das mesmas violências epistêmicas que invasores colonialistas, sempre organizaram contra a população brasileira e notadamente, uma vez mais e incisivamente, contra os corpos e epistemes de mulheres negras.

**Palavras-chave:** Psicologia; Mulheres Negras; Relações Raciais; Branquitude; Racismo.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Pós doutora pelo IMAF/EHESS – Instituto dos Mundos Africanos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais/Paris-França, Supervisora clínica em psicanálise e relações étnicas e raciais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Docente permanente do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa NEPPINS/CNPQ, Centro de Ciências da Saúde. Mam’etu no Nzo Lemba Tateamoxicongo-Tumba Junssara. Email: [regina@ufrb.edu.br](mailto:regina@ufrb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3720-0922>



## PSYCHOLOGY CURRICULUM FROM TIA CIATA TO ANGELA DAVIS AND CARLA AKOTIRENE: PITFALLS OF ACADEMIC WHITENESS

**Abstract:** The advances in the psychological field in ethnic racial relations are brought from the black feminism of thinkers such as Angela Davis and Carla Akotirene. It goes through reflections on curriculum and training of psychologists in Brazilian universities. In this imbrication, the question is asked: What are the intentions of academic whiteness when it superficially refers to concepts of black thinkers? The results converge to the reproduction of the same epistemic violence that colonialist invaders have always organized against the Brazilian population and notably, once again and incisively, against the bodies and epistemes of black women.

**Keywords:** Psychology; Black Women; Race Relations; Whiteness; Racism.

## EL CURRÍCULO EN PSICOLOGÍA DE TIA CIATA A ANGELA DAVIS Y CARLA AKOTIRENE: TRAMPAS DE LA BLANCURA ACADÉMICA

**Resumen:** Los avances en el campo psicológico en las relaciones étnico-raciales vienen del feminismo negro de pensadoras como Angela Davis y Carla Akotirene. Permea las reflexiones sobre el currículo y la formación de psicólogos en las universidades brasileñas. En esta imbricación, se plantea la pregunta: ¿Cuáles son las intenciones de la blancura académica cuando se refiere superficialmente a conceptos de pensadores negros? Los resultados convergen en la reproducción de la misma violencia epistémica que los invasores colonialistas siempre han organizado contra la población brasileña y, notablemente, una vez más y de forma incisiva, contra los cuerpos y epistemes de las mujeres negras.

**Palabras clave:** Psicología; Mujeres Negras; Relaciones Raciales; Blancura; Racismo.

## CURRICULUM EN PSYCHOLOGIE DE TIA CIATA À ANGELA DAVIS ET CARLA AKOTIRENE: LES PIÈGES DE LA BLANCHEUR ACADÉMIQUE

**Résumé :** Les avancées dans le domaine de la psychologie des relations ethniques et raciales proviennent du féminisme noir de penseurs tels qu'Angela Davis et Carla Akotirene. Elles imprègnent les réflexions sur les programmes et la formation des psychologues dans les universités brésiliennes. Dans cette imbrication, la question est posée : Quelles sont les intentions de la blancheur académique lorsqu'elle se réfère superficiellement aux concepts des penseurs noirs ? Les résultats convergent vers la reproduction de la même violence épistémique que les envahisseurs colonialistes ont toujours organisée contre la population brésilienne et notamment, une fois de plus et de manière incisive, contre les corps et les épistémès des femmes noires.

**Mots-clés:** Psychologie ; Femmes noires ; Relations raciales ; Blancheur ; Racisme.



## INTRODUÇÃO: COMO É QUE A BANDA TOCA...

Pensar currículo em psicologia significa passear pelo corpo de uma banda. Quero dizer: passear pelo conjunto de constructos que delineiam as estruturas e validades sociais, psíquicas, culturais e étnico raciais impostas por grupos hegemônicos que regem o repertório de um corpo musical.

Seria a psicologia como uma orquestra ou uma música? A orquestra é um organismo que se estrutura a partir de um chamado único. Todos os instrumentistas observam o maestro. Subjugam sua música e estrutura sonora de seu instrumento a regência do máximo do corpo musical. Apenas o que o maestro delineia é o que efetivamente importa.

Importa organizar a melodia e harmonia entre todos os instrumentos. Hora e canto sincronizados. De modo que o maestro seja sempre o mais aclamado.

As palmas, certo, são para todos os membros da orquestra. Porém a autoria do modo de expressão da orquestra recai inevitavelmente na pessoa e figura única do maestro. Seria o maestro o único possível?

A pluralidade e a interseccionalidade culmina justamente na noção do feminino e das marchas empreendidas pelas mulheres negras. Elas cantam. E seus instrumentos são tecnologias para a vida. Para o bem estar e o bem viver.

As epistemologias negras não são fragmentárias. Elas seguem os arranjos históricos de uma ancestralidade galgada na diáspora e em africanidades. Portanto, falar de currículo em psicologia é necessariamente trazer a voz dessas mulheres. Dialogar com elas. Principalmente as que produzem e estão dentro dos espaços acadêmicos.

Importante considerar que as intelectuais negras são presentes nos espaços acadêmicos no Brasil e no campo psicológico há muitos anos. No entanto, seus pensamentos e escritos não são trazidos no cotidiano da universidade.

Apenas recentemente, no século XXI, Neusa Santos Souza foi republicada embora seu livro fosse largamente utilizado desde o início da década de oitenta e encontrava-se com edição esgotada há 50 anos. Ou seja, meio século. O mesmo se passou com os textos de Virgínia Leone Bicudo, quase destruído pelo mofo na Biblioteca da Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. Como nos diz a antropóloga Dra. Janaína Damaceno Gomes, estudiosa dos trabalhos Virgínia: Dona Virgínia protagonizou o primeiro trabalho, a primeira pesquisa em relações étnico



raciais no Brasil. E quando foi publicada a segunda edição da coletânea dos pesquisadores do Projeto Unesco por Florestan Fernandes, o texto de Dona Virgínia foi retirado (GOMES, 2017).

Tendo Virginia Leone Bicudo Nascido paulista, credenciado a SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – junto a IPA – Associação Internacional de Psicanálise a partir de seu protagonismo em Londres e auferido grande respeitabilidade entre psicanalistas europeus como Melanie Klein, Bion e outros, no cenário brasileiro, apesar de toda sua emblemática fundado a IPA no Brasil marcha de mulher negra com os assentamentos realizados para o bem estar e saúde mental das pessoas em sofrimento psíquico através da clínica, da atuação junto as escolas com professoras e mães de alunos, bem como sua participação como Professora Universitária tanto na ELSP/SP e na USP, tendo ajudado a construir e a ministrar o curso de especialização em psicanálise na Universidade de São Paulo, a convite de Durval Marcondes, ação que culminou na fundação da primeira faculdade de psicologia no Brasil na Universidade de São Paulo (ABRÃO, 2010). Estas ações e protagonismo inequívocos de uma mulher negra são sempre obliteradas pela academia branca e principalmente na psicologia. Que possui ícones negras como fundadoras do campo no estado nacional, e calculadamente desprezadas pela branquitude acadêmica.

Neste debate em psicologia e relações raciais, trazemos questões suleanas do texto a partir de dois grandes ícones no Brasil e no exterior a fim de iluminar o corpo das mulheres negras na academia e na ciência. Passaremos por Angela Davis e Carla Akotirene.

O pensamento destas mulheres inverte o dogma da branquitude. Ao fazer ruir os dogmas postulados pela academia branca elas tocam e favorecem a expressão de todos. Pois os modelos únicos, o pensamento único, a vida líquida, se impõem cada vez mais na contemporaneidade no que tange ao advento das relações humanas, nos sentidos dos afetos e nos modos de produção intersubjetiva que organizam a vida nos contextos globais.

## **PENSAR CURRÍCULO EM PSICOLOGIA E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS**

É caro e fundamental construir currículo para a formação de psicólogos, pois ainda hoje, hegemonicamente, a psicologia forma o profissional a partir da concepção de modelos epistêmicos reacionários presentes na estrutura branca da instituição



universidade. Mulheres negras com seus pensamentos (ações pragmáticas pelo paradigma psíquico em psicologia social materialista histórico *pensar, ser e agir*) - canto, instrumentos e música – rompem com esta lógica. Pensadoras rebeldes, encenqueiras, desordeiras e queers radicais, elas edificam outros modos – outras músicas – para a escuta do mundo. Modos de vida que atendam as necessidades humanas delas e de seus pares: crianças, jovens e todos os desamparados e violentados pelas opressões colonialistas e brancas dos poderes hegemônicos na contemporaneidade.

Como Saidiya Hartman, atestamos que poucos reconhecem mulheres negras como válidas para a edificação de um mundo melhor, um radicalismo negro, mulheres negras visionárias e inovadoras que imaginam o mundo de outra forma e planteiam este mundo.

Poucas pessoas, na época ou agora, reconhecem jovens negras como modernistas sexuais, amantes livres, radicas e anarquistas, ou percebem que a melindrosa é uma pálida imitação da menina do gueto. Elas não têm sido creditadas com nada: permanecem como mulheres excedentes sem nenhum significado, meninas consideradas impróprias para a história e destinadas a ser figuras menores (HARTMAN, 2022, p.13).

Observa-se que na branquitude, os modelos vigentes, os edifícios erigidos estão em total oposição a diversidade étnica, cultural e social das realidades brasileiras e mundiais. Francamente falando, a branquitude não escuta – não se interessa – pelo pensamento de mulheres negras. Pensadoras negras organizam os pilares dos avanços sociais, políticos, econômicos, étnicos e culturais no estado brasileiro em todos os tempos. Porquê chamariam mulheres negras pensantes para compor a mesa clássica da barbárie branca na universidade? Elas são rebeldes e atrapalham!

No território da Universidade observamos os edifícios do pensamento único e cisheteropatriarcal. Eles são a métrica da ciência psicológica transmitida para os jovens estudantes de psicologia. Enquanto campo do conhecimento importante na secularização, os dogmas da branquitude permanecem ancorados nos paradigmas do capitalismo, do individualismo, na desatenção as necessidades de todos os corpos para eleger determinados corpos como válidos de serem pensados em suas formas de existência. A estrutura universitária reproduz o modo de vida colonialista, o qual, como a orquestra, designa um maestro para tecer a concepção da gramática musical em que todos, absolutamente todos os instrumentos, obedecem.



Não há como no jazz, ou no samba, no jongo, no samba de roda e ainda nos repentes nordestinos, composto por mulheres negras – *Tia Ciata* - o improvisado que ganha coro na harmonia dos corpos que passeiam pela banda. Que conhecem os diferentes ritmos dos instrumentos e os modos como eles tecem a harmonia de cada ala de instrumentos no corpo da orquestra. A banda ou orquestra se torna um enredo, e um enredo de muitas alas. Todas bordadas com exímia perícia, capaz de integrar as pessoas. Participantes e promotoras das festas. Todos podem e devem fazer o serviço. Todos estão para aprender e servir. A quem? - a Humanidade

Os arranjos são constituídos em várias mãos. Várias composições, onde a autoria é coletiva. No entanto, a noção de composição comunitária – coletiva - gera frutos para todos. Assim é o trabalho das mãos das mulheres negras. Bordadeiras, elas bordam todos os dias. Com exímia consistência. Assim nos ensinou Tia Ciata.

Porém a universidade promove a organização orquestral. Na qual o maestro é a figuração máxima. De valor e de condução do corpo musical. Na desqualificação da música que não se adentra a batuta – régua e compasso – da branquitude acadêmica.

Nesta direção acreditamos que na universidade, assim como para bons instrumentistas, não basta apenas manusear um instrumento, no caso a ciência psicológica tal qual como está erigida. É necessário demandar: como a branquitude realiza a organização de um currículo de psicologia pautado em considerações étnico raciais?

As noções de interseccionalidade, diáspora, colonialismo, são decorrentes dos avanços sociais vindo das lutas e protagonismo negro. Notadamente das mulheres e pensadoras negras. Neste cerne cabe demandar: como a branquitude realiza a organização de um currículo de psicologia pautado no pensamento de mulheres negras? Os avanços no campo das ciências frente a presença de epistemes negras são evidentes.

As universidades são cobradas pela força dos movimentos negros e das mulheres negras – cada vez mais legitimados, ainda que interesseiramente, pelos poderes sociais - para exercerem um diálogo com a camada expressiva das diversidades negras, indígenas e LGBTQI+ que compõem as lutas dos movimentos negros e movimentos sociais por igualdade.

Neste sentido, a universidade, branca por excelência, e na psicologia ainda muito mais branca, ao menos no corpo docente das universidades brasileiras através da composição formal dos NDEs – Núcleo Docente Estruturante (instância que organiza o



currículo), tem interesse genuíno em abordar referências emancipadoras destes corpos diversos? Ou seria um artifício para angariar poder e prestígio diante de uma agenda cara para o século XXI e com fontes importantes de negociações estrangeiras e nacionais?

Estas são aporias importantes porque deixam de sê-las quando no cenário na ciência psicológica, aprofundamos o debate pelo letramento de autoras negras como Angela Davis, Carla Akotirene, dentre outras.

Não basta apenas trazer algumas facetas do pensamento negro. Os bancos universitários, e os brancos na universidade são exímios nisto. Colonialismos primam por apagamentos e opressões.

A formação do profissional da psicologia pode ser viável quando não reproduzir violências epistêmicas e banalizar ou superficializar as epistemes arduamente produzidas pelo pensamento, corpos e lutas das mulheres negras.

Nós, pensadoras negras procuramos contestar o fato de que a maior parte das vezes, mulheres negras e sua episteme são retiradas das discussões formais nos ambientes das universidades. Seu pensamento é apresentado por homens brancos, mulheres brancas que não representam a profundidade daquilo que mulheres negras cunharam cientificamente no interjogo subjetivo da universidade brasileira e também no caso, da ciência psicológica.

Quais as intenções da branquitude por trás de um engajamento da ciência psicológica para fomentar currículos pautados em discussões étnico raciais?

Como o pensamento de mulheres negras, originários no rompimento dos paradigmas eurocentristas são considerados por grupos hegemônicos no processo de pensar currículos pluralistas na psicologia brasileira?

Para tanto, é coerente aprender pelo letramento racial que “a interseccionalidade não é narrativa teórica de excluídos. Os letramentos ancestrais evitam pensarmos em termos de “problema da mulher” e “questão das travestis” (AKOTIRENE, 2019, p.50).

Observando as inscrições de pensadoras negras, mulheres negras, e como no Brasil este pensamento negro se organizou a partir das mulheres de terreiro, faremos considerações sobre a universidade brasileira no campo da psicologia, formulação de currículo e saúde mental.

As noções aqui trazidas servem de referências para o exercício de um fazer em psicologia que considere epistemologias negras, cunhadas por mulheres.



Quando Carla Akotirene nos refere sobre letramento racial pautado na ancestralidade ela nos informa sobre mulheres negras que vieram antes dela, antes de nós. Estes assentamentos que a branquitude historicamente não considerou, desrespeita e ergue seus escudos atropelando a presença das africanidades, dos corpos da diáspora, povos indígenas, quilombolas e tantos outros em desacordo com seu usual sentido de superioridade e exigência de subalternidade.

Quer de fato a academia psicológica branca, no campo da ciência nas universidades, observar e alterar os modos de produzir a formação do psicólogo em outras concepções a partir das noções de interseccionalidade, decolonilidade, racismo estrutural entre outras pautas cunhadas por mulheres negras?

O conceito de interseccionalidade está em disputa acadêmica, há saqueamento da riqueza conceitual e apropriação do território discursivo feminista negro quando trocamos a semântica feminismo negro para feminismo interseccional, retirando o paradigma afrocêntrico (AKOTIRENE, 2019, p.51).

Paradigma afrocêntrico são as mulheres negras. Pensando mais radicalmente ainda: são as mulheres negras de terreiro que emblematizam a noção de interseccionalidade. Pelo simples fato de que foram elas que aportaram em Aby-ala, e na travessia da diáspora trouxeram os cânticos – epistemes – da salvaguarda dos povos da diáspora e as africanidades. Elas são a oralidade viva, que geraram as pensadoras negras. Do ventre das *Yás*, surgem todas as pensadoras negras. As *yás mi*. As mulheres sábias.

### **INTERSECCIONALIDADE E BRANQUITUDE: O FEMINISMO NEGRO SURGE NA BAHIA, BRASIL**

É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019, 42). No entanto, a branquitude acadêmica transforma-o em um simples modismo. No campo da psicologia e saúde mental este tem sido um discurso do qual a branquitude tem incorporado com vigor e a despeito deste modismo e da apropriação ilícita que a branquitude opera sobre o conceito, são as mulheres negras, originárias das mulheres de terreiro, a envergadura do conceito. O terreiro produz a ética e política de cuidado como tecnologia em saúde mental. A partir da ancestralidade e a memória. Saúde mental então é exercício da cosmovisão de mulheres negras de terreiro, portadoras de tecnologias psicológicas para a vida.



Como mulheres negras tem combatido a morte e a escassez do povo negro no Brasil isto é fato notório. Desde Tereza de Benguela – *Tia Ciata* - até os nossos dias temos presenciado as violências físicas e psíquicas que atacam crianças negras, jovens negras e negros, corpos negros e toda pessoa que não represente a norma social vigente do colonialismo escravista europeu e estadunidense.

A despeito deste martírio e sofrimento que atravessa a luta das mulheres negras, elas tem combatido o feminicídio, o genocídio de jovens e adolescentes negres, a morte de crianças pequenas por fome, desnutrição, carência de creches e escolas que apoiem suas mães a melhor viverem com a obrigação do Estado em promover o acesso de crianças a educação de qualidade.

A luta de mulheres negras tem se inscrito no contexto das periferias brasileiras, as quais são notadamente negras. Territórios da pobreza e da não cidadania. No mesmo sentido, os povos de terreiros, as mulheres de terreiros são as guardiãs destas lutas. Elas edificaram nos terreiros as tecnologias de combate à fome, de combate ao genocídio dos jovens negros, a formação de meninas para a emancipação financeira e elevação do caráter moral, favorecendo e fortalecendo o gênero feminino, para que mulheres de terreiro possam ser capazes de se auto sustentar, valorizar a solidariedade e distribuir os bens simbólicos e imateriais que “as mais velhas” sempre orientaram.

O bolinho de acarajé, na Bahia, muito sustenta famílias inteiras. No Recôncavo da Baía de Todos os Santos mulheres de religiosidade evangélica e neopentecostal, aprendem com a Yalorixá Mãe Nilza da Oxum, a fazer a iguaria. De posse desta tecnologia negra feminina ancestral elas vão para as esquinas, vendem os bolinhos e sustentam sua prole e família extensa (OLIVEIRA, 2019).

No mesmo sentido estas metodologias são formas de favorecer o fortalecimento emocional e afetivo das mulheres negras. De incrementar o protagonismo feminino negro a fazer a transformação da sociedade brasileira para os paradigmas do cuidado, do afeto e do amor. As cidades com a presença de negros e indígenas é mais amável, é mais rica, é mais alegre e tecnologicamente desenvolvida em humanidade (MARQUES, 2020).

Angela Davis em suas passagens pelo Brasil, esteve em território baiano e não hesitou em dizer:

as mulheres negras da Bahia são as responsáveis pelas mudanças que a sociedade brasileira tem demonstrado nos avanços da luta antirracista, pois



quando uma mulher negra se levanta, toda uma sociedade se movimenta junto com ela (DAVIS, 2017, p.01).

Ela também observa o protagonismo das mulheres negras de terreiro e da irmandade da Boa Morte em Cachoeira. Ela informa que as senhoras da boa morte são mulheres do candomblé. Elas protagonizam a liderança de mulheres negras no Brasil e no mundo. As mulheres negras da Bahia, são as responsáveis pelo surgimento do feminismo negro no mundo. Porque elas são nossas ancestrais que iniciaram a luta por justiça, direitos e igualdades (DAVIS, 2023).

Neste eflúvio, no campo da saúde mental e na psicologia emerge o interesse de fazer a formação do psicólogo de modo mais coerente com as noções de igualdade étnico racial e combate às desigualdades e racismos.

Neste sentido, Davis, bem como as inscrições de Carla Akotirene sobre interseccionalidade no campo psicológico quando voltado a um pragmatismo acadêmico incorre no perigo do apagamento do significado original de interseccionalidade, chegando a seu esvaziamento. Isto ocorre porque este pragmatismo comunga com o aparato de um colonialismo cisheteropatriarcal demasiadamente presente no decurso da ciência psicológica e da presença massiva de docentes brancos nos cursos de psicologia. Neste sentido,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposições de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 37).

Sob tal aspecto, no campo acadêmico, na ciência psicológica e produção da saúde mental, tais encruzilhadas são potencializadas, considerando que no campo da formação em psicologia são as mulheres o contingente mais expressivo. As mulheres negras são também as que contribuem como acima delineamos para o campo epistêmico em saúde mental através dos bens materiais e simbólicos e imateriais emblematizados pelo cuidado à saúde dos corpos físicos e psíquicos das populações negras: crianças, jovens, mulheres, pessoas adultas e populações todas.

O alimento, como o bolinho de acarajé, a feijoada, o mingau, os diversos quitutes, assim como os cuidados nos lares domésticos e a tradição popular das músicas, das danças (samba de roda, congadas, tambor de crioula, entre outras) dos cantos, dos seios que embalam as pessoas vulneráveis, o cuidado em si, passa pelas mãos e vozes – ensinamentos e, portanto, epistemes – de mulheres negras. A princípio, mulheres de



terreiro, e posteriormente todo o legado que elas inscrevem seja a partir das Yalorixás e Mães de Santo, bem como das Negras Senhoras dos Rosários das Irmandades do Pretos dos Rosários e da Boa Morte em diferentes territórios do Brasil, mas principalmente na Bahia.

Estas senhoras, propiciam que Neusa Santos Souza, nascida em Cachoeira na Bahia, e nascida Oxum no candomblé baiano, se tornasse uma médica e cientista do campo psicológico e psiquiátrico, com incursão importante não só para a população negra, mas para as populações que sofrem de agravos em saúde mental.

Na Bahia, as mulheres negras brasileiras recebem por legado a força da vida e vitória das mulheres negras. Somos nós que empreendemos a marcha pela vida. Pela igualdade, pela justiça aos corpos físicos e psíquicos da população negra e dos vulneráveis.

Todos têm direito à vida e à igualdade. Este requisito expresso em nossa constituição representa o clamor das mulheres negras da Bahia, dos Terreiros, da Boa Morte de Cachoeira e do Brasil. O feminismo negro encarnado na voz constitucional é fruto das lutas e marchas das mulheres negras. Em franca caminhada para a transformação de seu cotidiano, do cotidiano de seus filhos e comunidade extensa.

Por outro lado, como a academia branca, eurocêntrica e patriarcal, de um feminismo branco, realiza a operacionalização dos conceitos interseccionais? Haveria espaço para estas leituras e exercícios ético políticos no cerne da academia e universidade brasileira?

Akotirene (2018) e Collins (2021) dizem que consideram a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” (AKOTIRENE, 2018, p. 21), e neste sentido, é preciso organizar falas e escritas que não cedam espaço para a hegemonia do racismo estruturado pelo colonialismo.

Para ela, Akotirene, é preciso desafiar as Ciências Sociais e colocar abaixo as ferramentas modernas de validação científica.

Sendo assim, o campo da saúde mental, tanto para Davis, como para Akotirene, inscreve a vitalidade das mulheres negras, irmãs e mulheres de cor, caribenhas, terceiro mundistas que buscam impedir “o sangue coagular na caneta”. Nós escrevemos para dilacerar a dor, extirpar a dor e o medo, produzindo lócus de vitalidade e força, que rompem privilégios de classe, articuladas no nível global. Buscamos, como nos diz Akotirene (2018, p.23): *alimento analítico para a fome histórica de justiça*.



Neste passo, a saúde mental, a ciência psicológica, por tradição branca, muito precisa se matizar para compreender processos decoloniais. Processos que rompem com a hegemonia do feminismo branco eurocêntrico colonialista e também com a violência racista representada pelo cisheteropatriarcado e o imperialismo que é originariamente branco e europeu ou estadunidense.

Pensar uma ciência psicológica que considere interseccionalidade enquanto episteme fundamental da formação do psicólogo é difícil. Pois, hoje, existe o modismo acadêmico da interseccionalidade. Este modismo

Promove carreiras acadêmicas na Europa e branquitudes brasileiras, já mal-acostumadas com a apropriação intelectual indevida, a ponto de órgãos consultivos de igualdade e de controle social das nações adotarem políticas públicas cumulativas, transversais e pró-formas, de suposto caráter interseccional (...) chegam mesmo a questionar a agência da mulher negra(...). É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019 p. 24)

Para tanto, saúde mental e psicologia precisam entender sobre o coração do conceito de interseccionalidade. Este conceito é cunhado pela mulher negra. Por mulheres negras! E nada há como fazer para extirpá-las. Embora a branquitude acadêmica nas universidades insista em fazer esta violência. Uma vez mais e sempre.

Assim sendo, psicologia e saúde mental implica em exercitar a economia e as epistemologias dos terreiros chefiados pelas Yalorixás. *Mães e Tias Ciatas*. Implica em ler, e saber escutar as vozes das feministas negras como Angela Davis e Carla Akotirene, de modo a tentar fazer parte deste matiz corpo episteme, política e inserção das formas de ser corpo mulher negra, saúde e bem estar global.

Se a psicologia em seu matiz branco, elitista, classista, hegemônico e patriarcal for capaz de começar a organizar escutas a partir destas dimensões, poderá talvez alcançar algum efeito colaborativo na construção de um novo mundo e de uma nova psicologia.

No que se inscreve na forma curricular ela está aquém ainda. Muito aquém está a nossa psicologia. Portanto, o adoecimento mental é crescente e grave no mundo e no Brasil. Porque comunga com os paradigmas racistas, colonialistas e sexistas que estão na base das ciências nas universidades.

Conclamar as mulheres negras e favorecer que elas exerçam livremente suas sabedorias, será exercício fundamental para o início do processo de cura das pessoas no



contexto global e principalmente, a começar, das metodologias curriculares nas universidades brasileiras.

Se a academia for capaz de solicitar a ajuda sábia das cientistas negras existentes, embora raras, nos espaços acadêmicos, a psicologia poderá ser melhor do que se apresenta agora.

Nós mulheres negras somos capazes de produzir a cura. Ela está em nossas mãos. Nas águas em que fomos banhadas pelo sofrimento do Atlântico que matizamos por amor e verdade (também bondade). Sim, nós temos a cura.

Resta agora a humildade – escassa e rara dos brancos e da branquitude nas academias e nas universidades. Eles, os brancos, e as feministas brancas precisam querer aprender. Precisam de fato, querer aprender e saber fazer com as feministas negras, com as mulheres negras.

Esta tecnologia da vida, do bem estar, do cuidado, somos nós mulheres negras que sabemos. Somos nós que ensinamos. Esta é uma trilha de bordado difícil de ser feita. Uma trança de inúmeros traçados. Tias Ciatas, Angelas, Akotirenes.

Assim, nesta tecnologia ancestral que cria rotas de fugas para um mundo melhor, rotas de quilombos de liberdade, a vida pode vencer. Pode sair vitoriosa. Outras substâncias psíquicas e emocionais podem ocorrer. Outra psicologia pode materializar-se viável...

É preciso saber viver, querer aprender porque como nós, somente nós, podemos ensinar o melhor enredo – *Tia Ciata Curandeira*. O melhor caminho, como nossas ancestrais.

Cabe a branquitude aspirar dignamente por este ensinamento. Na universidade, quem sabe, talvez essa humildade da branquitude possa se instalar para favorecer transformações expressivas.

Fora isso, a roda e o mundo vão girar, pelas mãos, rendas bordadas, das mulheres negras. Já a universidade, cabe a branquitude resolver se anular.

Seria possível?

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANGELA, AKOTIRENE E TIA CIATA EM TERRAS NEGRAS DA BAHIA**



Quando Angela Davis vem ao Brasil e a Bahia ela repete as mesmas coisas: “o Brasil é um exemplo de esperança para o mundo na dimensão da luta e combate ao racismo” (2012).

Em universidade negras, e territórios negros no cenário nacional frente aos avanços de implementação das ações afirmativas no contexto federal, Angela Davis esteve por três vezes. Uma em 2012, na abertura do fórum 20 de novembro. A outra, em 2017, por força da ilustre intelectual negra baiana, a brilhante Profa. Dra. Angela Figueiredo, uma das responsáveis pelo curso Decolonial Black Feminism in the Americas no qual Davis proferiu uma conferência.

Em 2023, Angela está novamente na Bahia. Em Salvador, no Congresso Brasileiro de Literatura Comparada, ela igualmente como em 2012 e 2017, não deixou de enaltecer as mulheres negras da Bahia, protagonistas na luta política contra o racismo a partir da criação do feminismo negro no mundo e a liderança na formação e educação do povo brasileiro no letramento racial. Destacando o ativismo das mulheres ancestrais, as mais velhas, como sábias pensadoras que como um “farol de esperança” apontam os caminhos para a vitória na luta antirracista (DAVIS, 2023)

As falas de Davis são no contexto das universidades em territórios negros, para professores, intelectuais e estudantes:

“Tanto no Brasil quanto nos EUA, o racismo continua a ser parte da nossa realidade”, o Brasil está se movimentando num ritmo mais rápido que os EUA, no que diz respeito a responder ao legado do escravismo, como a Lei 10.639/03, e sua complementação através da lei 11.645/08, o estatuto da igualdade racial e a implementação do sistema de ações afirmativas dentro das universidades (Conferência, UFRB, Cruz das Almas, 2012).

Ela ressaltou que nos EUA em frente à casa branca há um ativismo de pessoas brancas com faixas e camisetas dizendo: “devolvam a Casa Branca a um homem branco”; referindo-se o processo eleitoral nos EUA para o segundo mandato de Barack Obama. Ela inclusive disse: “estas imagens não são mostradas nos telejornais do mundo. O racismo nos EUA é crescente e estar aqui, em Cachoeira, ver as pessoas aqui, me faz ter forças para enfrentar a realidade de meu país (DAVIS, Conferência, UFRB, Cruz das Almas, 2012).

Em 2017 Angela, em Cachoeira, disse:

O Recôncavo é um símbolo de resistência que abriga a irmandade feminina negra da Boa Morte. A esperança reside entre aqueles que têm sido historicamente oprimidos e subjugados. Em função das mulheres negras sempre estarem posicionadas na base da hierarquia de gênero, racial e econômica, quando elas se movimentam o mundo inteiro se movimenta com elas (DAVIS, 2017).

Continuou Davis: “A luta do feminismo negro no Brasil possui nomes como Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento e Luiza Bairros. Essas mulheres representam



a fusão entre a produção acadêmica e o ativismo político” (2017, UFRB, Conferência em Cachoeira).

Davis analisou o momento político nos Estados Unidos e no Brasil, indicando que os movimentos de justiça social geram esperança diante de cenários racistas, desiguais e difíceis, pois a resistência é uma possibilidade histórica, “sendo o movimento de mulheres negras o mais importante movimento do Brasil hoje” (FIGUEIREDO, 2017), pois “quando as mulheres negras tomam a ação, a militância de todo o povo negro é grandemente fortalecida” (DAVIS, 2017). Em perspectiva internacionalista e anticapitalista, como a marca do movimento negro feminino.

### **Julho na Bahia, em 2023,**

O Brasil é uma fênix que, apesar dos problemas, o país é um “farol de esperança” na luta política das mulheres negras. “Parece uma fênix que, cada vez que vocês são espancados, surge dessas cinzas. Nos Estados Unidos, nós estamos inspiradas principalmente pela forma como a política tem se desdobrado aqui”, disse Davis, nesta terça-feira, em Salvador (DAVIS, 2023).

## **METODOLOGIAS (EPISTEMES) E FEMINISMOS NEGROS**

Minha mãe é paulista. Negra. Nasceu na Rua Dr. Angelo Vita no Tatuapé. Viveu no meio de italianos, portugueses, negros e argentinos. Fez 81 anos no dia em que Angela Davis proferiu estas palavras em 2023 em Salvador, na Bahia. Minha mãe é uma mulher negra. Criada em um cortiço paulista no meio de estrangeiros que buscaram oportunidades no Brasil. Ela perdeu uma vista, mas escreve sua biografia, lê no seu tablet, participa de oficina da memória virtualmente com outras mulheres e homens, cozinha seu alimento, limpa a sua casa, está antenada no mundo. Ela observa que o racismo hoje é mais cruel no estado brasileiro. Preocupa-se com os netos. Viveu com italianos e portugueses em um quintal (cortiço). Todos eram pobres buscando um futuro melhor para si mesmos e os filhos.

Hoje o ódio é imperativo, precisamos combater isso. Não podemos perder a esperança. Algumas vezes por raiva ou achando que temos mais conhecimentos e desenvolvimentos, mais elevado que os outros, mas na verdade com estudo ou não, somos todos iguais. As vezes são pessoas simples, mais velhas com mais sabedoria e vivência de conhecimentos, até mais do que uma faculdade ou muito estudo (Mamãe Lourdinha, 2023).

Sem precisar, mamãe foi votar aos 80 anos. Por saber que a luta é política. Ela nunca foi para as ruas gritar e empunhar bandeiras. Foi professora de catecismo, ensina a paz e o amor. Foi escolhida para madrinha de batismo de muitas crianças pobres. Levava seu presépio para montar na comunidade pobre. Comprava ovinhos de chocolate para todos com a ajuda de meu pai. Todas nós – as três filhas, a “*turminha*”, como meu pai gostava de perguntar – *cadê a turminha?*- pintávamos os coelhinhos em cartolina



para enfeitar os copinhos que receberiam os ovos para as crianças pobres da comunidade onde ela ensinava o amor ao próximo. Foi costureira aos nove anos. Começou por aprender ofício. Caseava camisas. Até casar-se. Depois dos 35 trabalhou em uma escola com serviços gerais, nos ensinou a estudar, bordar, a pintar, a costurar, a cozinhar, a rezar e a lutar por nossos sonhos. Sua letra é belíssima. Escreve mesmo sem uma vista e com degeneração na outra. Foi coordenadora geral das atividades da Igreja Nossa Senhora Aparecida, foi congregada e secretária do Apostolado da Oração. Muito querida e respeitada por todos. Pelo prefeito da cidade, pelos seus superiores, pelas crianças e pelos jovens, e por seus colegas de trabalho. Fez Yoga durante 30 anos, desenhava e pintava camisetas, fazia lindas coisas e era dócil e meiga conosco e com meu pai que também era um homem suave, forte e carismático. Continua a ajudar a muitos. E zela por nós. Diz mamãe Maria de Lourdes Ramos de Souza, aos 81 anos em conversa comigo, cuidando de mim após uma cirurgia delicada. Ela se abalou para outro estado. Pegou avião sozinha. Não aceitou cadeira de rodas para chegar até a aeronave. Com bengala, de cabelos brancos e cega de uma vista, com degeneração macular em outra. Enxerga por vultos e sombras, se abalou de São Paulo para pegar o avião e vir cuidar de mim, recém operada. Embora eu tivesse quem cuidasse de mim, a presença de minha mãe, e depois minha irmã mais velha e sobrinha foi fundamental. Mamãe me

disse em meio a lágrimas e sorrisos de saudade: “ai, ai...Eu era tão feliz, no meio daquele sofrimento...Já pensou? Era tanto sofrimento e eu ali, feliz...No quintal”. Era assim que a italianada dizia ‘quintal’; tinha a Dona Carmela, que era italiana da Calábria, Dona Florinda, que era portuguesa, da Ilha da Madeira. Seu Armando, pai da Julieta e do Afonsinho, que era argentino, e minha mãe Annibalina, negra e brasileira. No sábado, todos se reuniam para lavar o ‘quintal’. Só tinha um banheiro, que todos usavam. Na semana, apenas Dona Carmela lavava, porque dona Florinda era velha e minha mãe trabalhava...(MARQUES, 2023, p. 01).

Neste fragmento de uma senhora de 81 anos, há a ancestralidade africana. O ensinamento na oralidade que é registro importante da grafia das mulheres negras. Podemos escutar vários ensinamentos políticos, éticos e afetivos neste fragmento de mamãe Lourdinha. “Eu era tão feliz naquele sofrimento”. Paradoxal. Como pode haver felicidade diante do sofrimento? O que mamãe Lourdes nos ensina é que a condição humana material é um limite. É algo sobre o qual podemos atuar mas é uma condição política que nos é dada. Todos eram pobres. O sofrimento é material. A precariedade da casa, da habitação. A ausência de saneamento – apenas um banheiro no quintal para



todos – a pobreza. Este era o sofrimento. Mas este sofrimento não era o mais fundamental da vida de mamãe Lourdinha. Ela era uma menina negra e feliz. Porque todos se reuniam no sábado para lavar o quintal. Lavar o quintal significa a existência da igualdade. Todos devem ser responsáveis por suas necessidades. Todos devem limpar, colaborar com a limpeza da sujeira que é de todos. O sentido de irmandade produz a felicidade. Acalenta o coração. O sofrimento. Produz o sentimento de amizade. Proteção. Cuidado. Auto cuidado. Todos são responsáveis pela limpeza do Quintal. Mais do que igualdade, neste fragmento está o ensinamento da equidade: Na semana só dona Carmela lavava, porque dona Florinda era velha, e minha mãe trabalhava. Ou seja: o direito diferenciado para as pessoas em condições de vida diferenciadas – os velhos e as mulheres que trabalham. Sentidos políticos de organização social: todos devem lavar o quintal. Saber do quintal para poder requerer vida melhor. Saneamento. Direito. Políticas.

Há sabedoria na voz de uma mulher negra de 81 anos para um currículo em psicologia? Em que ela lembra Akotirene, Davis e Tia Ciata?

O feminino negro se constrói na base da experiência da vida. Nossas vidas são enredos de transformações de existências. Psiquicamente, plantamos as sementes de um porvir venturoso, forte, capaz de aniquilar as marcas da materialidade cruel que as desigualdades históricas colocaram nos corpos das populações da diáspora, africanas e de brancos pobres no fosso do desprezo. Mas ainda assim mamãe Lourdes nos diz sorrindo: Ai, ai...eu era tão feliz no meio daquele sofrimento...

Esta circunstância psíquica e emocional é a fortaleza da sanidade mental. Dos constructos que mulheres negras de modo interseccional são capazes de empreender. Formular currículo em psicologia é adentrar esta capacidade discursiva. Esta apreensão de sentidos. Sem obliterar a existência de corpos negros, na dimensão de gênero e da presença do feminino negro que ele emana.

Onde estão as professoras negras da psicologia? Elas existem? Em que colaboram? São chamadas para isto? Ou são convidadas a erigir os edifícios da branquitude e servir o café – fazer as atas e enviar os e-mails para o grupo – na vã aparência de que por terem um cargo, parecem ser tão iguais como os brancos que as demandam...Ledo engano. Ser mulher negra protagonista da construção de um currículo válido em psicologia, implica em romper com os moldes dos currículos da branquitude.



Mesmo quando adotam nomes decoloniais e interseccionais para compor seus delírios de grandezas e armar as ciladas do demônio branco. Suas luxúrias. Oportunismos.

Nos ensinamentos da mamãe Lourdinha há a ideia de que somos necessitados de políticas que produzam vida, igualdade e saúde emocional, afetiva (saúde mental) em seu sentido pleno no campo psicológico.

Uma senhora negra e velha, como Davis, nos ensina que as epistemologias negras precisam ser ensinadas por corpos negros e não brancos. Onde o elemento étnico branco possa ser participante do processo de aprendizagem como base conceitual empírica já consolidada por cientistas negras da psicologia as quais são existentes no contexto nacional do Brasil.

Negar esta presença negra, das mulheres negras, suas falas e epistemologias existentes na nossa realidade, como simplesmente mamãe Lourdinha, Davis e Akotirene fazem é produzir o epistemicídio, favorecendo implicações gravíssimas no processo de transmissão e produção de conhecimento em psicologia. Viver e entrar em territórios negros, quilombolas, favelas, enfim, em campos de presença majoritária negra sem conhecer bases conceituais já formuladas e reconhecidas técnico cientificamente por corpos de mulheres negras é produzir o adestramento dos corpos intelectivos de estudantes negros e brancos. Além de humilhar as populações negras e não brancas no interior mesmo de seus territórios. Isto é, a bem da verdade, inadmissível em qualquer contexto. Principalmente em nome de uma formação curricular na universidade nas faculdades de psicologia.

Formular currículos em psicologia que permitam estagiar e entrar em territórios negros, a partir de epistemes criadas e expropriadas das mulheres negras por charlatões e oportunistas brancos, a fim de produzir propostas conjuntas e coletivas sem a participação de pessoas, mulheres negras, capazes de demonstrar formalmente – academicamente – elementos consistentes em epistemologias negras, é reiterar a violência racista sexista no seio da universidade brasileira e na profissão psicologia. Não basta ser uma pessoa de pele negra. É preciso que as máscaras não sejam brancas.

Não basta ser um corpo negro materializado. É preciso que seja um corpo negro construído por conhecimentos específicos em grade curricular onde uma professora, preferencialmente negra, com mestrado, doutorado no campo da psicologia e relações étnico raciais esteja densamente demonstrado em sua trajetória profissional e de pesquisa, ensino e extensão já realizada. A envergadura no campo da psicologia e



relações étnico raciais deve ser cobrada a partir de concurso possa ocupar esta matéria. Caso contrário é ser produtor do genocídio intelectual destas populações e dos alunos de psicologia nas universidades.

A questão é: porque as vozes de Davis em Cruz das Almas, Cachoeira e Salvador não ecoam na psicologia nos territórios negros da diáspora? Hoje, mais do que ontem, existem pessoas no campo psicológico capazes de produzir conhecimento digno no campo. Mulheres negras estão presentes na academia brasileira como cientistas negras da psicologia. Necessitam trabalhar e exercer seus ofícios de psicólogas negras, mães negras, com remuneração e encargos dignos de seu trabalho. Porque as universidades, principalmente as públicas hesitam em formular estas vagas, oportunizar estes concursos necessários?

Para fortalecer uma psicologia antirracista é preciso domínio epistêmico para autorizar incursões de alunos em territórios negros. Caso contrário, dispositivos de poder branco e totalitários convergem para manter as amarras racializadas e fortalecer a extinção – epistemicídio – das populações negras e não brancas nas universidades brasileiras. Principalmente das mulheres negras.

A branquitude busca através da razão instrumental e razão interesseira, artifícios pseudo conceituais para afirmar fazer uma *psicologia negra*. De fato, poderão fazer parte textos de alguns autores negros. Mas como eles serão tratados? Serão assimilados por professores brancos, que mal dominam o que seja representatividade negra e a significação da palavra interseccionalidade para designar a dimensão étnico racial e de gênero.

Para esta discussão, é importante e primordial convocar, solicitar e provocar os núcleos docentes estruturantes dos cursos de Psicologia para que expliquem seu currículo a sociedade brasileira. Promover o debate – diálogo – é romper com a lógica academicista branca, cis, hetero e desigual, VIOLENTA. É tentar fomentar liberdade e pertencimento possibilitando o som das vozes existentes, outras vozes que são obliteradas. Distintas das velhas genealogias brancas que estão compactadas na trama dos currículos de psicologia no Brasil. Inertes diante da necessidade de sair de seu lugar de privilégio.

Sempre, e há alguns anos na psicologia, mulheres negras estão produzindo ações e vozes epistêmicas que rompem com este pacto silente da branquitude.



O que se faz não é o feito de uma pessoa. Como nos disse a Mãe Dialá Yalorixá Matriarca do Parque Pedra de Xangô. na mesa Psicologia e Racismo Ambiental em um Congresso Internacional de Psicologia no Recôncavo da Bahia, juntamente com a Yalorixá Mãe Nilza da Oxum do Ylê Axé Yepandá Odé,

Se aqui chegou até este, a gente sabe que isto não se fez sozinho. É muita gente, várias pessoas para fazer uma coisa dessa. Mobiliza muita gente em torno desta força e deste objetivo. Ninguém faz isso sozinho. Só o tempo sabe construir isso (Yalorixá Dialá, Matriarca Parque Pedra de Xangô, 2023).

Se o corpo das mulheres anciãs negras da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira pode ser visto como patrimônio mundial e protagonizado nas falas da Irmã Ângela Davis, Carla Akotirene e todas nós, mulheres negras e de terreiro, a psicologia brasileira precisa ressoar para que este clamor se faça presente, desde já, na discussão ampla e escancarada com a sociedade brasileira de uma psicologia nova, ressurgida como ciência importante para as dimensões do adoecimento mental que com responsabilidade observa a prevalência deste agravos a saúde no século XXI que recai principalmente sobre os corpos das mulheres, crianças e jovens negros. Além é claro, de toda população negra da diáspora global, indígenas e quilombolas também.

É inadmissível que o silêncio e o não saber dos corpos brancos continuem ocupando as cadeiras decisórias da formulação de um currículo que não nos representa. A palavra interseccional não é sozinha capaz de alterar a violência epistêmica que se produz no interior dos cursos de psicologia.

Angela Davis, passou novamente pela Bahia e trouxe pra nós, mais de nós mesmas. Afinal, somos nós, as mulheres brasileiras negras - notadamente as baianas, mulheres de terreiro – que somos inspiração para ela, a linda e importante Davis, anciã do mundo no ativismo e pensamento de resistência de mulheres negras, nos tem por inspiração. A jovem, Carla Akotirene, ganha o mundo. É referência como pensadora negra: Para nós, mantermos o feminismo negro é dizer que a interseccionalidade denota riqueza epistêmica, que desta vez não será tirada da diáspora africana (AKOTIRENE, 2019, p.51).

## CONCLUSÃO

No mesmo sentido é possível observar quem são os professores nas universidades brasileiras. São etnicamente indígenas, brancos ou negros. Obviamente o



grupo étnico branco é o prevalente nestes espaços. Simbolicamente e materialmente somos instados a considerar que estes espaços já estão ocupados e pertencem a uma maioria, neste espaço, de pessoas privilegiadas transgeracionalmente. Pessoas cujos pais, avós possuem uma história de pertencimento étnico racial que possibilitou galgar os bancos de uma universidade com maior tranquilidade, sem tantos sacrifícios.

Por tais questões, professores negros também são exceções. No entanto, em territórios afrodiaspóricos no contexto do Brasil, os números de docentes negras, embora ainda muito inferior ao expressivo contingente branco, é existente.

No campo da psicologia isto faria diferença? no campo das ciências como um todo isto faria diferença?

As ações afirmativas são uma realidade positiva no contexto acadêmico da atualidade. A própria psicologia na resolução do Conselho Federal de Psicologia 18/2002 estabelece em seu artigo primeiro: Art. 1º - *Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo*; no entanto, as dimensões da atuação no campo formativo do aluno de graduação da psicologia a circunstância trãsita de modo complexo. Pois tão somente no aspecto meramente reflexivo sem uma práxis que seja transformadora das relações étnicas e formas de sociabilidades no espaço da universidade não são suficientes para superar as fronteiras gigantescas das desigualdades e das formas de pensar o constructo psicológico e a formação da subjetividade de estudantes negros, indígenas e brancos.

Neste sentido, a psicologia carece de ações e resoluções que exijam a presença de corpus epistêmicos negros no contexto formativo do profissional da psicologia. Organizar currículo em psicologia deve perpassar por fazer a crítica à branquitude imperativa nos modelos hegemônicos e formativos da psicologia. A observação de autores etnicamente diversos propicia a capacidade de compreensão emocional de contextos culturais ricos e distintos como é o caso do Brasil e cada vez mais do universo global como um todo. Povoado de diferentes corpos e sujeitos.

Para isto não basta apenas apostar na diversidade de modo não comprometido. É preciso comprometer-se e fortalecer professores brancos e negros em formação qualitativa para uma práxis transformadora das formas de sociabilidades na produção de conhecimento nos espaços acadêmicos. Isto significa: priorizar professores mestres e



doutores em PSICOLOGIA que tenham desenvolvido teses e dissertações com temas centrais voltados para as relações étnicas e raciais.

Professores brancos podem ensinar e transmitir questões étnicas e raciais originárias de pensadoras negras e pensadores negros. No entanto, necessitam possuir as condições epistêmicas formativas para fazê-lo. Observa-se que falar de questões étnico raciais no Brasil *virou ponto que todos podem falar. Sem nenhum preparo específico.*

Se os conceitos de neurociência ou psicologia do trabalho não podem ser ministrados por um professor de psicologia que não possui expertise neste campo, porque os conceitos e textos socioantropológicos que fundam os estudos sobre o negro no Brasil podem ser objeto de *poder e fazer* de professores brancos ou negros que nunca transitaram por uma formação de base (mestres e doutores em psicologia e relações raciais) nestes constructos?

No mesmo sentido, o fato de ser um professor negro habilitaria o professor a ter condição de proferir ou assumir componentes de ensino que são notadamente específicos do campo das relações étnico raciais sem nenhum aprofundamento? ou apenas por ser negro - o que já é uma grande coisa - ele ou ela poderiam arguir sobre os conceitos tão arduamente produzidos por anos de estudos de pessoas - cientistas - que não estão sendo valorizados em sua produção em específico, ao contrário da branquitude que seleciona para os postos de seus interesses os currículos específicos para as funções que requerem valor social e pagamento expressivo: simbólico e material?

A produção de conhecimentos em relações étnico raciais transita no fosso do *quem quiser pode levar; hora da xepa*; todos, inclusive os mais brancos epistemologicamente, podem ministrar. A psicologia negra, o conhecimento de epistemes negras virou uma espécie de tudo pode ser...Assim como ocorreu com a popularização da psicanálise no mundo, todos nós sabemos o que é inconsciente. Todos possuem uma noção parca e limítrofe sobre o inconsciente freudiano. E assim os pastores evangélicos dão cursos de psicanálise...tem sido assim...no contexto atual de uma crise epidemiológica em saúde mental.

O mesmo acontece com a questão negra. Tudo pode ser chamado de *mimimi* ou considerado popularmente como saber notório. Ou o jargão “lugar de fala” serve para justificar todo tipo de questão quando a opinião de um branco deva ser levada em conta sobre a população negra.



Obviamente e solidariamente a questão negra interessa a todos. Indiscutivelmente.

É preciso construir agendas para o movimento negro no espaço acadêmico da psicologia. Tensionar porque conhecimentos e epistemes negras arduamente construídas ao longo dos tempos não são incorporadas nos currículos de psicologia e na academia brasileira a partir de pessoas - cientistas - efetivamente preparadas para bem exercer este notório saber, hoje, primordial para o desenvolvimento das ciências em saúde mental, como é o caso da Psicologia.

Se o inconsciente foi popularizado e os mais medíocres sabem o que significa a palavra inconsciente, certo é que nas universidades brasileiras, apenas os bem preparados nas teorias psicodinâmicas podem ministrar este componente de ensino e pesquisa.

Concursos são rigorosamente preparados. Editais são feitos. Currículos observados. Provas escritas, provas orais, análise de artigos, livros. Para se ter um professor de neurociências. De psicologia social. De psicologia do trabalho. De psicologia da pessoa com deficiência, de avaliação em psicologia.

Porque ora, em relações étnico raciais TODOS podem falar e serem isentos de cobranças sobre o seu notório saber? Esta forma de sociabilidade na academia psicológica neste contexto de formação curricular é a branquitude. Ela é perversa. Violenta. Subjuga os conhecimentos técnicos científicos da produção em relações étnico-racial; coloca-os como *menos valia*. Menos importantes. E efetivamente, a serviço de qualquer um que queira “*fazer um favor para a população majoritariamente negra no Brasil*”.

Podemos nós, pessoas negras, estudantes de psicologia negros, mulheres negras, cientista negras, epistemólogas negras da psicologia aceitar qualquer coisa?

Todos têm algo a oferecer? Principalmente os brancos de *boa vontade*?

Ou os negros escolhidos pelos brancos para ficar nas festinhas das elites brancas para constar nas estatísticas dos socialites que o evento foi um sucesso principalmente porque estavam representadas todas as diversidades?

Lembro-me de uma boa amiga branca que me ajudou e me ensinou um trabalho quando eu era adolescente. Ela me ensinou alguns passos no trabalho de escriturária que eu exercia para custear minha universidade. Quando ela me apresentava às pessoas ela



dizia: *esta é minha amiga. Uma excelente pessoa. Muito responsável. Uma profissional de qualidade. Ela é um anjo de alma branca.*

Tive um pai amoroso e firme. Ele dizia: *Não. Eu não sou negro de alma branca. Não sou. Não quero ser. Não sou o negrinho da casa grande. A universidade é a Casa Grande.*

Na psicologia, na formação do currículo, chamaram-nos para a festa. Mas efetivamente, nós, os negros, estamos animando o salão. Nos querem como os pretos da Casa Grande. Como os anjos de alma branca. Porque quem entende de negro, *de lugar de negro*, são eles, os brancos. Enquanto não houver na psicologia brasileira uma exigência legal para a formação em relações étnico raciais a partir de profissionais de psicologia específicos notoriamente capazes e já consolidados para o desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão em psicologia e questões étnicas e raciais, a população negra não será respeitada. Não será cuidada pelos psicólogos. Seja nos equipamentos sociais públicos, seja nos equipamentos de saúde privados.

Isto não quer dizer que pessoas negras, cientistas negros da psicologia rejeitem o trabalho e produções de pessoas brancas no campo. Brancos são bem vindos, desde que, como Roger Bastide, Octavio Ianni, Carlos Hasenbalg (e outros), fizeram por merecer seus títulos honoríficos em relações étnico raciais e população negra, população brasileira e da diáspora negra no mundo.

Porém, contrariamente, no campo das relações étnicas e raciais, os pesquisadores e cientistas do campo negro e produtores de conhecimentos efetivos nas relações étnico raciais são existentes e abstraídos da discussão psicológica.

Quando são inseridos, são trazidos pelo viés de professores não produtores de conhecimento no campo, sem mestrado, doutorado, produção de pesquisa consolidada no campo das relações étnico raciais. *Estes seres de “boa vontade”* são convidados a participar em bancas de TCC e até dissertações de mestrado em função de *sua simpatia* com o campo de discussão das relações étnico raciais. Depois, calculadamente, alguns *non sense* constroem seus currículos no campo. E se assumem em seu *“lugar de fala”* virando referência de vitrine para muitos desavisados amantes das superficialidades da contemporaneidade.

Isto acontece em muitas universidades brasileiras. Têm acontecido. E isto é efetivamente um cálculo matemático bem organizado. Não é aleatório, nem inconsequente. A isto chama-se E-P-I-S-T-E-M-I-C-Í-D-I-O. E martirização dos corpos



negros por vias simbólicas. E materiais também. Porque agrega valor monetário em progressão de carreira e postos de promoção e cargos de confiança, nomeações e designações com remuneração certa e elevada.

Negação de direitos de igualdade de tratamento epistêmico e conceitual que é a função da Instituição Universidade. É o cálculo do gozo da branquitude. É seu prazer encarnado. Sádico. Filho dileto das formas de sociabilidades dos colonizadores. Na história do mundo ocidental.

### REFERÊNCIAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira*. São Paulo (SP):Arte e Ciência, 2010.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo (SP): Pólen, 2019.

COLLINS, Patricia Hill *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. *Conferência Raça e Gênero: uma tríade inseparável nas políticas de empoderamento das populações negras*. Cruz das Almas, 2012. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=93\\_nzazYpHE](https://www.youtube.com/watch?v=93_nzazYpHE) Acesso em 20/09/2022

DAVIS, Angela. *Curso Black Feminism*. Cachoeira, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NDwbjSvpDZo&t=74s> Acesso em 20/09/2022

DAVIS, Angela. *Palestra sobre o livro Abolicionismo. Feminismo. Já*. Congresso ABRALIC, Salvador. Julho, 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/07/angela-davis-compara-brasil-a-uma-fenix-e-diz-que-pais-e-farol-de-esperanca.shtml> Acesso em 02/09/2023

DIALÁ, Yalorixá. *Conferência Psicologia ambiental, povos de terreiro e parque Pedra de Xangô. IV COINNE. TV UFRB*. 27/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2zT3ipJzlnE&t=26s> Acesso em 02/09/2023

FIGUEIREDO, Angela. *Entrevista sobre o Curso Feminismo Negro*. 2017. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4793-ufrb-recebe-angela-davis-na-abertura-do-curso-black-feminism> Acesso em 02/09/2023

GOMES, Janaína Damaceno. *Os Segredos de Virgínia: Estudo de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. 2017, 166f.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos-histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. São Paulo (SP): Fósforo, 2022.

LOURDINHA, Mamãe. *Cartas de vida às minhas filhas* (in mimeo), 2023.

MARQUES, Regina Suama Ngola. *Psicanálise infantil e racismo: saúde mental nas relações étnicas e raciais*. Curitiba (PR): Appris, 2023.



MARQUES, Regina. 2020. “Indígenas e negros nas cidades: escuta clínica para a saúde mental e ciência psicológica”. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)* 12 (34):574-600. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1150>. Acesso em 23/07/2023.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. FERREIRA, Nilza Nascimento. Psicologia, identidade e memória: comunidade Terreiro Ylê Axé Yepandá Odé. In: OLIVEIRA, Regina M.S. (Org.) *Quilombos, saúde, psicologia e outras visões*. Cruz das Almas: SEAD/UFRB, 2019.

*Enviado em 18/08/2023*

*Aceito em 19/09/2023*